

Divulgação



Minha Irmã e Eu

Por Rodrigo Fonseca | Especial para o Correio da Manhã

Depois de “Barbie” ter oferecido ao humor um sopro de revitalização, numa linha sociológica e comportamental, parece que a graça voltou a encontrar seu lugar no mercado audiovisual para tela grande. Orçado em US\$ 25 milhões, apoiado numa receita de doçura nada moralista, “Todos Menos Você” (“Anyone But You”), de Will Gluck, faturou cerca de US\$ 125 milhões.

O belo enredo que tem rouba risos e suspiros de plateias de boa parte do planisfério cinéfilo, ao narrar a farsa armada entre uma ex-estudante de Direito, Bea (Sydney Sweeney), e um financista, Bem (um brilhante Glen Powell). Eles se conhecem numa cafeteria, flertam, passam uma noite juntos, mas, pela manhã, ela sai de fininho, deixando o rapaz com uma péssima impressão. Arrependida, ela volta à casa dele, mas acaba ouvindo o sujeito defini-la como “só mais um contratinho”. Nasce ali um repúdio mútuo que se acentua quando os dois se esbarram na preparação para um casamento. A irmã dela vai se casar com a melhor amiga dele. Todos querem vê-los juntinhos. A fim de sossego, a dupla finge ser um casal em formação, num processo que convida a um beijo à vera – e rende muita piada boa.

A arrecadação mastodôntica do

novo longa-metragem do realizador de “A Mentira” (2010) e de “Amizade Colorida” (2011) prova que, no circuito exibidor, a comédia ainda pode ser a maior diversão. Tatá Werneck e Ingrid Guimarães já haviam sinalizado isso na virada do ano.

Dirigida por Susana Garcia, a Midas por trás de “Minha Mãe É Uma Peça 3” (2019), o hilário “Minha Irmã e Eu” vai chegar à marca de dois milhões de ingressos vendidos num estalar de dedos.

Da pandemia até hoje, ou seja, desde o lockdown inicial de março de 2020, essa saga fraterna é o título brasileiro de maior arrecadação em circuito, tendo o metafísico “Nosso Lar 2 – Os Mensageiros” como seu principal rival.

São filmes atentos aos pleitos da correção política e das lutas pela equidade dos novos tempos (e dos velhos também), mas não desgrudam de um receituário tes-

O cinema reaprende a sorrir

Fenômeno brasileiro ‘Minha Irmã e Eu’ e êxito hollywoodiano de ‘Todos Menos Você’ dão um novo fôlego ao gênero da comédia, seja ela de viés romântico ou seja no estilo neochanchada

Divulgação



Os Farofeiros 2

tado (e aprovado) no qual rir é o melhor remédio. Desde os curtas de Charles Chaplin (1889-1977), a indústria sabe que uma boa gargalhada pode fidelizar pagantes e gerar faturamentos altos. No Brasil, apesar de um hiato provocado pela coronavírus, tramas cômicas sempre lotaram salas. Na França, também, vide os 20 milhões de pagantes contabilizados por “Intocáveis” (2011) e por “A Riviera Não É Aqui” (2008). Mas Hollywood não colheu boas safras financeiras na seara do sorriso do início da década passada para cá. “Todos Menos Você” é uma baita (e bela) exceção, da mesma forma que o já citado “Barbe”, de Greta Gerwig, hoje um dos títulos mais cotados

ao Oscar de 2024, a ser entregue no dia 10 de março.

Sim, o filme de ficção sobre a boneca mais famosa da História é uma comédia e contabilizou US\$ 1,4 bilhão. Porém, sua realizadora, Greta, fez o filme para higienizar Hollywood dos vícios sexistas de outrora, notabilizando-se mais como um tratado contra violências de gênero, num pleito avesso à cultura machista, do que como narrativa de Kkkkk ou Hehehe convencionais. É um modo de rir mais atento, reflexivo, assumidamente politizado e necessário. Já “Todos Menos Você” tem muitos desses atributos, mas conversa com códigos de outrora, e muito bem. Códigos há tempos vencidos.

Antes de que você, leitora ou leitor, fale do cultuado “Se Beber, Não Case” - que custou US\$ 35 milhões, faturou US\$ 469 milhões e ainda papou o Globo de Ouro de Melhor Filme Cômico -, tenha cuidado em sua afirmação. O longa-metragem que consagrou o diretor Todd Phillips é de 2009, e suas duas continuações, menos notáveis, de 2011 e 2013. Ou seja, a última vez em que um estúdio hollywoodiano viu uma trama cômica driblar a concorrência dos blockbusters de super-heróis, de animações Pixar e de aventuras à la “Transformers” ou “Top Gun: Maverick” foi em 2012, quando “Ted”, de Seth Macfarlane, que custou US\$ 50 milhões, faturou US\$ 549 milhões pelo mundo afora.